Revista Brasileira de Sociologia. Vol. 03 No.06 jul. -Dez, 2015
Artigo recebido em agosto de 2015/Aprovado em novembro de 2015
http://dx.doi.org/10.20336/rbs.405
10.20336/rbs.405

Da Ruína de Macondo: sobre a transformação de lugares em não lugares

Bruno Curtis Weber*

RESUMO

A partir do reconhecimento da ativa participação dos objetos na configuração das ações humanas e na constituição dos espaços, desenvolveremos um debate entre Bruno Latour e Milton Santos, buscando uma definição substantiva do espaço. Para o geógrafo, os híbridos entre ações e objetos se dão numa dada horizontalidade, porém existe um componente vertical do espaço que consiste na combinação de uma descontinuidade territorial e uma integração funcional entre estes híbridos. Auxiliados especialmente por Marc Augé e Y-fu Tuan, desdobraremos esta definição para uma dimensão subjetivista da relação entre o indivíduo e a espacialidade em que está inserido, explicitando as diferenças qualitativas dessa relação sob os conceitos de lugar e não lugar. Por fim ilustraremos a transformação do lugar ao não lugar, sintoma da supermodernidade, a partir da obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez.
Palavras-chave: não lugar; horizontalidade; supermodernidade

* Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela mesma instituição. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Populações Pesqueiras e Desenvolvimento no ES (GEPPEDES), do(a) Universidade Federal do Espírito Santo.

ABSTRACT

THE RUIN OF MACONDO: ON THE TRANSFORMATION OF PLACES INTO NON-PLACES

Recognizing the active participation of objects both in the configuration of human actions and in the constitution of space, we establish a debate between Bruno Latour and Milton Santos in order to arrive at a substantive definition of space. For the geographer, hybrids between actions and objects happen horizontally. There is, however, a vertical component os space that combines both territorial discontinuity and the functional integration between those hybrids. Based on Marc Augé and on Y-fu Tuan, we will develop this notion towards a subjectivist dimension, considering the relation between the individual and its spatiality, and presenting the qualititative differences of this relation by means of the concepts of place and non-place. Last, but not least, we illustrate the transformation of places into non-places with recourse to One Hundred Years of Solitude, by Gabriel Garcia Márquez.
Keywors: non-place, horizontality, supermodernity

Introdução

Quando o cigano Melquíades chegou pela primeira vez a Macondo com um par de lingotes imantados, o lugarejo, encravado na selva tropical, estava disposto de tal maneira que cada um dos seus 300 habitantes desprendiam idêntico esforço para chegar ao abastecimento de água e as casas, meticulosamente organizadas pelo visionário José Arcadio Buendía, recebiam a mesma intensidade de sol nas horas de calor. Tudo havia sido construído pelas mãos dos próprios moradores: os móveis, as ferramentas, as gaiolas, os currais e mesmo as casas, todas feitas à imagem e semelhança da primeira erigida, marcada pela excelência da estirpe Buendía. Após a descoberta do sítio em que fora instalada Macondo, ao cabo de incansável desbravamento das matas, Úrsula Iguarani, esposa de Buendía, expressa o sentimento dos demais membros da aldeia quando o ímpeto explorador de seu marido o invoca a buscar novas paragens: "se é preciso que eu morra para que vocês fiquem aqui, eu morro" (MÁRQUEZ, 1967, p. 11).

Em *Cem anos de solidão* (1967), um dos mais rememorados romances da literatura ocidental, García Márquez oferece muitos dos elementos que pretendemos explorar no presente artigo. A definição do espaço como a confluência de sistemas de ações associados a sistemas de objetos, tal como o concebe Santos (2006), busca reinaugurar o objeto analítico da geografia humana, reconstruindo a unicidade de conceitos tratados tradicionalmente de maneira separada, como meio técnico/ meio geográfico; técnica/ sujeito. O autor está preocupado "que esses instrumentos de análise apareçam como verdadeiros atores de um romance, vistos em sua própria história conjunta" (SANTOS, 2006, p. 12), o que nos remete de imediato à crítica de Latour (1994) à ontologia exclusivista da filosofia ocidental, e à sua proposição de uma reconstrução unificadora do objeto de estudo do cientista social. É certo que Santos não teve a oportunidade de conhecer a obra *Reagregando o Social* publicada originalmente após a morte do geógrafo brasileiro, em que Latour radicaliza tal proposição. No entanto, temos bastantes razões para crer que Santos faria contrapontos a tal radicalidade sugerida pela metodologia da teoria ator-rede (doravante ANT), visto que esta se propõe a uma descrição planificada, no sentido de prescindir de uma avaliação além da própria observação imediata das relações dos actantes, sem a presunção de se induzir até estruturas históricas hierárquicas que, porventura, sobredeterminem, as suas trajetórias (VANDENBERGHE, 2006). Santos diz que "em cada lugar, pois, o tempo atual se defronta com o tempo passado, cristalizado em formas" (SANTOS, 2006, p. 92). Além disso o autor ressalta que "as divisões anteriores do trabalho permitem rever as formas herdadas segundo uma lógica que as restabelece no momento mesmo de sua produção" (SANTOS, 2006, p. 92). Ao longo do nosso trabalho, esperamos deixar claras as contribuições construtivistas da ANT, não obstante recorreremos aos contrapontos antecipados por Santos, especialmente em suas obras *A natureza do espaço*(2006) e *Por uma outra globalização* (2012).

Aliás, a multiplicação dos objetos técnicos desde os últimos dois séculos e a proliferação dos fluxos por ela proporcionada, densifica

a atualidade dos fatos, comprime substancialmente a temporalidade e individualiza radicalmente as referências significativas, cujo paroxismo Augé (2005) denominou de "não lugar", como forma característica do espaço da contemporaneidade. A transformação do lugar em não lugar, devido à proliferação de meios técnico-científico-informacinoais (SANTOS, 2006, p.156) será a discussão desenvolvida no presente artigo. Para a especificação da definição de lugar, e, por óbvio, para a diferenciação de lugar e não lugar, para nós será cara a noção de topofilia, denotada por Y-fu Tuan como o elo afetivo entre o indivíduo – ou o coletivo – com uma dada localidade, afeição que, como qualquer outra, demanda uma relação duradoura, cuja construção imaginária e material da localidade histórica e biograficamente é feita com *philia*, com amor, enfim (TUAN,2011, p. 135).

Atentando para a co-constituição dos sujeitos e seus produtos técnicos, que, à imagem de um ciclo espiralado se transformam e se condicionam mutuamente, numa apreciação teórica trataremos do processo em que o lugar passa ao não lugar, a topofilia passa à hipertelia. Trataremos da ruína de Macondo.

Congruências e espaços entre Latour e Santos

Ao longo de sua carreira, Santos reviu, explicitamente, três vezes o conceito de espaço, sempre interessado em agregar a dimensão social, portanto dinâmica, à ideia maleficamente, a seu ver, enraizada em sua ciência de uma conotação estatizante: espaço como um palco, como uma *forma* e não como *formação* (SANTOS, 1977, p. 81). Esta sensibilidade fora a coluna vertebral para sua construção teórica, não obstante os produtos de sua reflexão tenham, naturalmente, se alterado, considerando o ambiente intelectual de sua produção.

Primeiramente, espaço fora concebido como um conjunto de fixos e fluxos, sendo os primeiros objetos que suportavam ou condicionavam os segundos, as ações, e estas "atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e seu valor" (SANTOS,

1978, apud SANTOS, 2006, p. 38). Num momento posterior, nitidamente em seu trabalho originalmente escrito em 1988 *Metamorfoses do espaço habitado* (SANTOS, 2011), o autor sugere a indissociabilidade entre forma e conteúdo, adaptando o hilemorfismo aristotélico no continuum forma-conteúdo, noção que se tornaria chave para sua obra[1].

Em sua terceira acepção, quando então Bruno Latour aparece em sua bibliografia, o espaço se transforma em um conjunto indissociável – persiste o espírito integrador, e porque não, construtivista – entre sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2006, p. 40 e ss.). Os objetos distinguem-se das coisas naturalmente dispostas, fundamentalmente, pela dotação de intencionalidade que lhe é incutida pelo ator, considerando que o homem detém uma função inventiva de antecipação e invenção do uso (SANTOS, 2006, p,:24). O objeto é, portanto, um *meio.* A noção de sistema é invocada para explicitar a integração de diversos objetos, visto que são raros os objetos técnicos que operam de maneira isolada. Um telefone celular, por exemplo, implica a existência de torres, satélites, que não povoam o campo perceptivo do ator, mas que são indispensáveis para que a finalidade do objeto seja cumprida. Um telefone celular, no entanto, mesmo com todos os objetos que condicionam sua finalidade, não têm uma "vida própria", uma existência independente, não é uma coisa-em-si, mas ele ganha uma existência real e valorativa com as ações que o integram, imerso num dado contexto simbólico (SANTOS,2006, p. 61 e 173). A ação, dotada de prospecção e, portanto, especificamente humana, é decomponível em três tipos: o técnico, no qual a interação é caracterizada pelas exigências formais do objeto técnico; o formal, que compete à obediência a normas critstalizadas; e o simbólico,

1 "O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento" (SANTOS, 2011, p. 85).

que corresponde aos modelos gerais de significação[2]. Assim como a ação "dá vida" ao sistema de objetos, estes também moldam aquela, de modo que se torna impossível a avaliação de um sem levar o outro em conta, os diferentes sistemas técnicos "formam uma situação e são uma existência num lugar dado" a partir do qual "as ações humanas se realizam" (SANTOS, 2006, p. 25). O espaço, perpassado por ambos os sistemas, não é, portanto, nem um dado simbólico, nem um povoado de objetos e coisas: é um híbrido.

Latour (1994) já havia elaborado dois de seus conceitos centrais em *Jamais fomos modernos*, na pretensão de reconhecer a agência de entes tidos como inertes pelas ontologias até então elaboradas no ocidente, tidos como meros prolongamentos da ação humana. A bifurcação radical entre a ciência dos não-humanos e a ciência dos humanos estaria representada pelo contexto britânico do século XVII, quando, de um lado, Robert Boyle desenvolvia seus experimentos físico-químicos e, de outro, Hobbes destrinchava a real natureza dos homens e dos estados (LATOUR, 1994, p. 21 e ss.). Assim como as ciências naturais passaram a desprezar o que há de político em sua prática científica, as ciências humanas ignoraram a atuação de não humanos na constituição do que etereamente passou a se chamar de "social", seja em sua avaliação das relações de poder, da conformação das instituições ou, mais recentemente, na valoração de uma realidade simbólica purificada da dimensão material (LATOUR, 1994, p. 75; LATOUR, 2012, p. 147). Os entes não-humanos foram, por toda a tradição sociológica, tratados como *intermediários*, como objetos absolutamente dominados pela intenção humana e que, portanto, replicam com fidelidade a ação sem transformá-la, sendo absolutamente despiciendos numa análise sociológica. A sugestão conceitual é que

2 Esta decomposição, inspirada na tipologia proposta por Braun e Joerges da integração social do objeto técnico: "[..] un schéma analytique envisageant l'integration sociale de la technique concrète selon cinq dimension structurelles distinctes: celle de l'acteur, de l'action, et celles systémique, écologique et temporelle" (1992, p. 69-70). Não nos interessa as derivações analíticas destas dimensões estruturais, cabendo-nos tão somente a descrição do que Santos (2006) compreende por "sistema", quando trata da ação.

eles sejam tratados como *mediadores* que são "atores dotados da capacidade de traduzir aquilo que eles transportam, de redefini-lo, de desdobrá-lo" (LATOUR, 1994, p. 80) e ainda como atores que "transportam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam" (LATOUR, 2012, p. 65). Os primeiros simplesmente *transportam* um significado, os segundos o *traduzem*, ativamente o modificam, portanto. Seria necessário, para uma efetiva reaproximação do real, que a sociologia descendesse das abstrações inventadas pela teoria – "símbolos", "estruturas" etc. - e retornasse ao plano concreto das relações entre os atores, humanos e não-humanos.

Portanto, os atores descrevem trajetórias em conjunto e se definem exatamente na relação que estabelecem durante um período preciso de tempo: eles *são* nas relações, se moldam mutuamente, o que Latour denomina *associações,* e o novo papel do cientista social é interpretar e descrever essas relações tal como elas se dão (1994, p. 71), nisso consistindo a metodologia da ANT. Ora, a sociedade não existe enquanto instância independente da realidade – a não ser como criação dos teóricos do social -, mas ela constantemente se refaz como produto das associações: "A sociologia do social funciona bem quando se trata daquilo que já foi *agregado*, mas nem tanto quando o problema é reunir novamente os participantes naquilo que não é – *ainda*- um tipo de esfera social" (LATOUR, 2012, p. 31, grifos no original).

Uma proposição bastante próxima daquela antecipada por Santos (1977) em sua crítica aos estudos geográficos das formas (estado) em detrimento das formações (processo). As associações conferem um status ontológico de um mesmo patamar entre os atores, visto que a mais naturalizada relação de poder estabelecida na filosofia ocidental fora a díade hierárquica entre sujeito/objeto e seu correspondente macro sociedade/natureza[3] (LATOUR, 2012: p.123). "As

3 "O que Sartre dizia dos humanos, que sua existência precede sua essência, é válido para todos os actantes, a elasticidade do ar, a sociedade, a matéria e a consciência" (LATOUR, 1994, p.85).

coisas têm vida própria", disse o cigano Melquíades, "tudo é questão de despertar sua alma". Todos os entes se tornam mediadores – o cientista e o microscópio, o geógrafo e os objetos técnicos – partícipes de um mesmo plano, o plano da concretude (VANDENBERGHE, 2006, p. 333). As associações são precisamente o híbrido tratado por Santos (2006).

Poderíamos problematizar se, ao propor uma avaliação dos espaços como um híbrido, o geógrafo brasileiro conseguiu realizá-la separando os sistemas de objetos dos sistemas de ação, ainda que tenha tomado o cuidado de reiteradamente sugerir sua indissociabilidade. O que Latour (2012) faz é justamente des-essencializar ambos e tratar unicamente das relações estabelecidas, e ao longo de seu *Reagregando o social*, frequentemente faz contrapontos à Sociologia Crítica muito por conta do papel que esta se outorga de "revelar" as "estruturas" que sobredeterminam as ações do cotidiano e pré-estabelecem as posições sociais que os sujeitos ocupam. Essa "visão panorâmica de Deus" (LATOUR, 2012, p. 203), deve, segundo sua proposta, ser substituída por uma perspectiva mais modesta – uma "perspectiva de formiga", atenta à sua "paisagem plana", para utilizarmos algumas de suas expressões – de modo que aquilo que as associações expressam é o que de fato é, em primeira e última instância.

No entanto, Santos (2006) complementa sua análise do espaço com dois conceitos, onde acreditamos residir a crítica antecipada à ANT, conforme referimos em nossa introdução, e que também nos auxiliará a compreender sua opção analítica de separar os dois sistemas. Existem dois tipos coetâneos de integração entre os híbridos que conformam um dado espaço. A *horizontalidade* é a integração vis-à-vis dos pontos – os híbridos – que conformam uma dada territorialidade numa dada atualidade. Aqui estão contidos os objetos técnicos, mas também as relações espontâneas, as produções localmente elaboradas e as contrafinalidades[4]. É na integração horizontal

4 O termo contrafinalidade foi inspirado na *Crítica da razão dialética* de Sartre (1962). Refere-se aos produtos, relações saberes, ações etc. que, conscientemente

que são estabelecidas as relações pessoais do tipo da *Gemeinschaft* weberiana, e, subvertendo o léxico de Durkheim, Santos (2006, p, 192) denomina o tipo de coesão estabelecida de *solidariedade orgânica*, típica do regional e do local. A *verticalidade* é relação entre uma dada localidade e outra parte distinta do globo, de modo que, não obstante a descontinuidade territorial, permanecem integrados funcionalmente. Os objetos técnicos que povoam a localidade são baseados em conhecimentos externos e os comandos – técnicos, financeiros etc. – são baseados alhures, o que Moles chamaria de teleação (1974 apud SANTOS,2006, p.110). Esses objetos, bem como as ações por ele condicionadas, são homólogos – pois participam de uma mesma temporalidade e são marcados pela máxima instrumentalidade[5] – de outros objetos e ações que podem estar em qualquer parte do globo. A esta natureza de coesão funcional sem a continuidade geográfica, o autor denominou *solidariedade organizacional* (SANTOS, 2006, p. 190-6). No atual momento histórico o conhecimento científico é o ordenador da integração do segundo recorte, regulamentando a organização administrativa dos comandos e povoando as localidades com objetos técnicos inovadores. Por isso o autor chama o sistema de objetos da contemporaneidade de "meio técnico-científico-informacional" (SANTOS, 2006, p. 156). A verticalidade implica uma relação de poder entre a(s) instância(s) de onde emana(m) os comandos e as localidades que se veem em relação com um sistema de objetos cujo propósito atende a interesses distantes dali (SANTOS, 2012: 24).

Torna-se claro que, apesar de compartilhar da preocupação de uma análise sincrética entre humanos e não humanos, Santos (2006)

ou não, formam focos de resistência a uma lógica instrumentalizadora (télica) englobante. A prática agroecológica é um recorrente exemplo. Acerca do conceito propriamente, consultar *Sartre et la raison dialectique*, de Alphonse De Waelhens, 1962.

5 O propósito instrumental é explícito, o que permitiu Simondon denominar os objetos técnicos concretos da contemporaneidade de hipertélicos (1958). Cf. especialmente com a primeira seção do segundo capítulo, intitulada *Hypertelia and self-conditioning in technical evolution*. Não confundamos os radicais gregos: em teleação, *tele* significa distância, em hipertelia, o sufixo advém de *telos*, finalidade.

não abre mão das relações de poder estabelecidas que porventura escapem aos atores em sua lida diária. A sugestão de uma teoria descendente, de descrições feitas desde uma perspectiva de formiga, parece não atrair o geógrafo brasileiro, para quem ao acadêmico também cabe desvelar os fluxos de poder, especialmente na era atual de dispersão das origens do comando e a realização dos seus efeitos em localidades muito bem discerníveis (CANDIOTTO, 2009, p.98; SANTOS, 2012, p. 17). Aliás, ao reconhecer o estatuto ativo dos objetos, inspirado pela contra revolução copernicana empreendida por Latour (1994, p. 75), o que se apreende das relações concretas são objetos heteronomamente informados – sua forma e sua finalidade são concebidas alhures - moldando as ações dos sujeitos numa dada horizontalidade. Se Latour (2012) denunciou a naturalização da relação de poder em que o sujeito apagou a importância do objeto ao longo de quase meio milênio, a geografia de Santos sugere que no meio técnico-científico-informacional ocorre uma inversão daquela antiga hierarquia, na qual os objetos tele-acionados reconfiguram as ações dos sujeitos.

Na próxima seção adentraremos a discussão acerca da passagem do lugar ao não lugar, nos termos de Marc Augé (2005). Para tanto, evocaremos as contribuições de Milton Santos (2006; 2012), acrescentando-lhe uma dimensão curiosamente preterida por ele: o elo afetivo.

Espaço, lugar e não lugar

Já no século XVIII, o filósofo culturalista alemão – talvez o primeiro – Johann Gottfried von Herder, para se contrapor ao imperialismo racionalista francês que vinha se consolidando no panorama intelectual europeu, evocou a importância do afeto para explicar o sentimento de pertença a uma nação alemã que, lembremos, ainda não havia se tornado Estado. Visto que os significados derivam de *loci* específicos, de percepções particulares dirigidas a partir de pontos de vistas particulares, enfim, visto que "cada cultura exprime à sua maneira um aspecto da humanidade" (CUCHE, 1999, p. 27), é

imprescindível que seja apreendida a dimensão emocional para se compreender os sentidos emprestados ao mundo:

> As pessoas organizam sua experiência segundo suas tradições, suas visões de mundo, as quais carregam consigo também a moralidade e as suas emoções inerentes ao seu próprio processo de transmissão. As pessoas não descobrem simplesmente o mundo: ele lhes é ensinado. [...] O ver também depende do ouvir, e, na sociologia do pensamento [...] a razão se entrelaça com o sentimento e está presa à imaginação (SAHLINS, 1997, p. 48).

Se o espaço, conforme vimos, é a associação de objetos e ações, como poderíamos definir o lugar?

"Lugar é uma pausa no movimento", diz-nos Tuan, "a pausa permite que uma localidade se torne um centro de valor conhecido" (1983 p. 153). O lugar, como a cultura para Herder, é, anacronicamente dizendo, perspectivo, pois ele se constitui enquanto tal ao longo de um período razoável de tempo pela contínua dedicação de percepções a uma dada experiência, que historicamente conformam significados que correspondem a um sentimento de afeto por parte do sujeito. Compreendendo o corpo como base da experiência, logo, partindo do sentimento individual aos significados coletivos, Tuan define *percepção* tanto como "a resposta dos sentidos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados" (TUAN,2011, p. 18); *atitude* já apresenta uma dimensão cultural, pois é uma postura perante o mundo sensível segundo valores aprendidos[6]; *visão de mundo* é a experiência conceitualizada, a participação do indivíduo dos conceitos consagrados

6 "An atitude, then, is the collection of feelings (affects) and beliefs (cognitions) which predispose an individual to react in a certain way to the object of these affects"(Schiff: 1970, p. 7). É sobre o artigo de Myra Schiff que Tuan desenvolve seu conceito de atitude.

pelo coletivo no qual está inserido[7]: a floresta tem um significado mítico, por exemplo, existe um norte, um sul, direita, esquerda, topônimos etc.. *Topofilia* "é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal" (TUAN, 2011, p. 19).

É pelo entrelaçamento do sentimento com os sentidos que, segundo Tuan, as coletividades normalmente se colocam no centro de suas cartografias, que, na maior parte das vezes são também suas cosmografias. O etnocentrismo, nomenclatura adotada pelo geógrafo sino-estadunidense (TUAN, 2011, p. 56), define uma unidade de valor de referência, que é também simbólica, mas invariavelmente espacial, a partir da qual alteridades são significadas, eventos são explicados, narrativas são construídas e distâncias são medidas. Rosângela Tugny (2009) demonstrou como os maxakali, apesar de habitarem há gerações na região do Vale do Mucuri em Minas Gerais, onde então foram alocados pela Fundação Nacional do Índio, constroem suas cartografias, ainda hoje, como um caminho que os leva até as cercanias de Teixeira de Freitas, na Bahia, de onde foram retirados, e mesmo as lideranças mais jovens sabem denominar os rios e apontar os relevos desta região (TUGNY, 2009; p. XXII-XXXV). O etnocentrismo, cujos valores são historicamente construídos pelo grupo e afetivamente apropriados pelos indivíduos, é fundamentalmente relacional, pois assim como não existem margens sem leito, bordas sem núcleo, é impossível identificar um centro sem as extremidades. Se o espaço é permanentemente atualizado pela associação dos objetos com as ações, "um cruzamento de forças motrizes", como diz Augé, citando Michel de Certeau (AUGÉ,2005; p.,: 75), o lugar é a referência, demandando, pois, uma relação minimamente durável para que os indivíduos possam reconhecê-lo e reconhecerem-se cognitiva e afetivamente.

7 "O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significação" (TUAN, 1983, p. 151).

Em muitos aspectos o raciocínio que envolve a topofilia encontra eco na antropologia do próximo de Marc Augé (2005) que, numa fórmula silogística simples, apresenta-nos um primeiro conceito de não lugar:

> Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não lugares [...] (AUGÉ, 2005;p. 73).

Se a supermodernidade é produtora de não- lugares, resta-nos descobrir porque o autor emprestou este prefixo ao controverso radical.

O "super" deve-se a três figuras de excesso, particularmente viabilizadas pelo volume de informação que afluem no momento técnico-científico-informacional da contemporaneidade. Apesar de Augé (2005) tratar a questão técnica apenas como um fundo *chroma key* em sua análise das novas conotações do espaço, é importante, para o propósito que vimos demonstrando, que lembremos da imprescindibilidade material para a conformação do mesmo. As três figuras de excesso são:

- *superabundância factual:* a "aceleração" da história, o adensamento de eventos num mesmo recorte temporal. Não necessariamente hoje em dia acontecem "mais coisas importantes" do que em qualquer outro momento da história. Mas os acontecimentos são imediatamente informados através dos objetos técnicos, de qualquer parte do globo para qualquer parte do globo, ganhando, indiferenciadamente, importância histórica para os indivíduos que se informam. A história se torna acelerada porque o cotidiano se torna mais informado. Há alguns milênios, ao menos de forma intermitente, judeus e muçulmanos travam batalhas no médio oriente, mas as informações da guerra jamais chegavam à maior parte da população brasileira, pensemos há um século, ou menos. Na supermodernidade, imagens dos conflitos são facilmente acessadas, números de mortos e de feridos são simultaneamente atualizados e a emergência

de novos desdobramentos provoca a condolência do telespectador – não sejamos antiquados -,181

do internauta. Justapostas à carnificina no médio oriente, chegam informações sobre a carnificina na Ucrânia, sobre a fundação do banco dos BRICS, sobre o afundamento do navio na Itália, explicações sobre o potencial econômico do pré-sal, sobre a importância da economia de energia elétrica em casa para que não seque por completo a segunda represa do sistema Cantareira. Mas onde fica o sistema Cantareira?

-*superabundância espacial:* correlativo ao "encolhimento" do planeta, à diminuição da escala cartográfica, de modo que podemos identificar qualquer ponto do globo, e mais, deslocarmo-nos entre seus diferentes pontos com crescente facilidade e rapidez. O sistema Cantareira foi iniciado na década de 1960 com a construção de represas nas nascentes do rio Piracicaba (verbete *Sistema Cantareira*, in. Wikipedia). As localidades se tornam palavras, informações despidas de sua materialidade e sua vivência, informações acessadas, ao invés de sentidos construídos perceptualmente – seja ativa ou passivamente, conforme a definição dada por Tuan (2011). Ademais, as distâncias são encurtadas pelos objetos técnicos. Até quando será lembrado que o presidenciável das eleições de 2014 Eduardo Campos deixou o Rio de Janeiro às 7h00min para chegar em Santos às 9h00min, tendo sofrido um terrível desastre na tentativa de pouso na pista de Guarujá? Quem se lembrará disso? Quem julgará que isso seja um evento relevante?

- *individualização das referências:* refere-se à produção individual de sentidos. Os indivíduos, a partir da miríade de informações que lhes são possibilitadas, tanto no tocante aos eventos históricos, quanto à cartografia, bem como quanto às novidades da astronomia, exercem as escolhas das quais seriam as mais relevantes e promovem suas próprias interpretações. Fazendo uma referência às duas figuras do excesso supracitadas, "nunca as histórias individuais foram tão explicitamente referidas pela história coletiva, mas nunca, também, os pontos de identificação coletiva foram tão flutuantes" (AUGÉ, 2005, p. 39).

Essas três figuras de excesso[8] coincidem na contemporaneidade e justificam o prefixo "super" utilizado pelo antropólogo francês. Os indivíduos, transportados por automóveis, trens e aviões, devidamente informados via satélite sobre as paisagens que contemplam, contemplam, em verdade, os não lugares, que eventualmente possam ser lugares para outrem. Atentemos, todavia, que a relação destes indivíduos com os espaços que perpassam – idealmente ilustrada pelo viajante (AUGÉ, 2005, p.81) – é apenas *um* aspecto do não lugar que é composto tanto pela "relação que os indivíduos mantêm com esses espaços" quanto "pelos espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer)" (AUGÉ, 2005, p.87). Percebemos que nessa passagem, Augé (2005) reconhece a indissociabilidade entre ação e objeto técnico na conformação dos espaços. É imprescindível a derivação desta constatação, seguindo as sugestões de Santos (2006), que retém de Latour (1994) a necessidade da avaliação dos híbridos, que os objetos técnicos transformam qualitativamente os espaços, e, portanto, transformam significativamente os lugares. Mas se por "lugar" compreendermos "uma pausa no movimento", como um local experienciado e valorado, positivamente valorado, diga-se, a ponto de se criar *philia*, a ponto de se identificar um centro, a ponto de identificar-se em relação a *alter* e identificar o aqui em relação a alhures, a presença dos objetos técnicos que propiciam, no limite, tão-somente fluxos, não só transforma qualitativamente o lugar, mas modifica a própria "natureza do espaço": transformam-no em não lugar.

Um exemplo, antes de vermos o que ocorreu a Macondo, talvez possa ilustrar essa transformação. Há gerações, no litoral norte do município de Aracruz, no Espírito Santo, indígenas da etnia tupiniquim utilizavam a Praia dos Hóspedes, que fica fora de sua terra oficialmente reconhecida, para a cata de mariscos e pescas, de modo

8 Preferimos não fazer repetidas referências bibliográficas na explanação dos três excessos por zelo à fluidez do texto. Saiba-se que, para acesso direto à perspectiva do autor, deve-se confrontar a nossa interpretação ora exposta com *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodenirdade*s pp. 31-40.

que todos os quatro caciques tupiniquim aprenderam a fazê-lo com seus pais e utilizavam o espaço, até há bem pouco, para ensinar as práticas a seus filhos. A Praia dos Hóspedes é um lugar para a etnia, invariavelmente representada nas cartografias como parte do seu território (ANAÍ,2010, p. 144). Mas no ano de 2012 uma empresa de montagem industrial adquiriu o espaço para a construção e um terminal logístico portuário e ficou definido que a partir da concessão da Licença de Instalação não seria mais permitida a entrada de pessoas não autorizadas (CEPEMAR, 2012). Em inícios de 2014, a antiga restinga, de onde os indígenas recolhiam abricó e sementes artesanais, começou a ser suprimida, e a costa onde se podia praticar a pesca e o marisco e, o mais importante, eram repassados alguns dos ensinamentos práticos, se tornará um terminal industrial portuário (*Terminal portuário da IMETAME consegue Licença de Instalação (LI)*, Folha do Litoral, 21/12/2012). O que se terá é um lugar, conforme o é para a perspectiva tupiniquim, transformado por objetos informados por outrem – a verticalidade de Santos (2006): um conjunto de fixos, que darão suporte a uma profusão de fluxos[9]. Em lugar da sociedade orgânica que ora se reconhecia, construía historicamente e ensinava significados, envolvia-se emocionalmente, identificava-se, enfim, necessitará de placas explicativas, textos (AUGÉ, 2005, p.89), palavras que indicarão onde se está e o que deve ser feito em cada parte do novo espaço para que se cumpra a finalidade definida em algum outro ponto do globo[10] – cumprimento de finalidade é a *raison d'*être da Praia dos Hóspedes doravante – e integrada, funcionalmente, com algum outro. Em nosso muito ilustrativo exemplo, a finalidade con-

9 Cf. O paradoxo aparente de rigidez e fluidez está em *A natureza do espaço,* (SANTOS, 2006, p. 167).

10 Augé se utiliza da noção de heterotropia de Foucault para ilustrar este descentramento: "Il y a également [...] des lieux réels, des lieux effectifs, des lieux qui ont dessinés dans l'instituition même de la societé, et qui sont des sortes de *contre-emplacements*, sortes d'utopies effectivement réalisées dans lesquelles les emplacements réels [...], des sortes des lieux qui sont *hors de tous les lieux*, bien que pourtant ils soient effectivement localisables. Ces lieux, parce qu'ils sont absolument autres que tous les emplacements qu'ils reflètent et dont ils parlent j'e les appellerai, par oposition aux utopies, les hétérotropies" (FOUCAULT, 2004, p. 13).

siste em recepcionar peças mecânicas fabricadas na cidade, montar máquinas no pátio industrial, quando esta for de grande porte, e, por fim, enviar através de navios, o produto elaborado ou mesmo as peças brutas para alguma plataforma no além-mar (CEPEMAR, 2012).

Considerações finais

> Era a história da família, escrita por Melquíades inclusive nos detalhes mais triviais, com cem anos de antecipação[...] Fascinado pela descoberta, Aureliano leu em voz alta, sem saltos, as encíclicas cantadas que o próprio Melquíades fizera Arcadio escutar o que, na realidade, eram as predições da sua execução, e encontrou anunciado o nascimento da mulher mais bela do mundo que estava subindo ao céu de corpo e alma, e conheceu a origem de dois gêmeos póstumos que renunciavam a decifrar os pergaminhos [...] Neste ponto, impaciente por conhecer a sua própria origem, Aureliano deu um salto. Então começou o vento, fraco, incipiente, cheio de vozes do passado, de murmúrios de gerânios antigos, de suspiros de desenganos anteriores às nostalgias mais persistentes. Não o percebeu porque naquele momento estava descobrindo os primeiros indícios do seu ser [...] Macondo já era um pavoroso rodamoinho de poeira e escombros, centrifugado pela cólera do furacão bíblico, quando Aureliano pulou onze páginas para não perder tempo com fatos conhecidos demais e começou a decifrar o instante que estava vivendo, decifrando-o à medida que o vivia [...] Entretanto, antes de chegar ao verso final já tinha compreendido que não sairia nunca daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens (MÁRQUEZ, 1967, p. 218).

A extinção de Macondo fora prevista por Melquíades, o cigano que eventualmente passava pela aldeia trazendo as novidades de outras partes do mundo, que, aliás, só eram conhecidas pelos aldeões através

das palavras. Melquíades não ordenara suas encíclicas premonitórias "no tempo convencional dos homens", mas concentrava tudo, desde a fundação de Macondo até a sua destruição, "de modo que todos coexistiam num mesmo instante". Ao longo de cem anos – contagem objetiva de tempo – a temporalidade – percepção subjetiva – alterou-se sensivelmente, num impressionante adensamento dos eventos e na multiplicação de solidões, visto que cada membro da estirpe Buendía enclausurou-se num universo próprio, marcado por suas manias, suas magias, seus propósitos e porque não: por suas particularíssimas referências. A mudez de Maurício Babilônia por conta das borboletas amarelas que lhe escapavam da boca, o eterno jogo de xadrez chinês de Amaranta e Rebeca, que comia terra e carregava por toda parte os ossos do pai num saco.

A ruína de Macondo deve-se à combinação das três figuras de excesso da supermodernidade. A imagem do rodamoinho de poeira e escombros remete-nos mesmo a esses excessos. Não obstante os não lugares não sejam um rodamoinho – ao contrário, são espaços hipertélicos perfeitamente organizados e sinalizados -, o vento que corresponde à pressa de Aureliano em terminar as encíclicas, e, ao fazê-lo, responde à própria profecia, faz sucumbir o *lugar* da família Buendía, capaz – e isso é o mais representativo – de desterrá-lo da "memória dos homens". Sem memória, sem história, sem identidade, Macondo é um arquétipo do processo de transformação qualitativa do espaço a que nos referimos acima, em que *o* lugar passa a ser *um* não lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAÍ. (2010), Estudo etnoambiental: Terra Indígena Tupiniquim e Terra Indígena Comboios, vol. I, Salvador: ANAÍ.

AGUÉ, Marc. (2005), Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus.

CANDIOTTO, Luciano. (2009), A materialização do Circuito Italiano de Turismo Rural (CITUR), Colombo-PR: verticalidades, horizontalidades e

intencionalidades. Investigaciones Geográfixas, Boletíndel Instituto de Geografía, n 69, pp. 96-112.

CEPEMAR. (2012), Estudo de Impacto Ambiental do Terminal Industrial IMETAME, vol I, Vitória.

CUCHE, Dennys. (1999), A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: EdUSC.

FOLHA DO LITORAL, Terminal portuário da IMETAME consegue Licença de Instalação(LI), 21 de dezembro de 2012, p.3.

FOUCAULT, Michel. (2004), Des espaces autres, *Empan ,v.* 2, no54, p. 12-19.

LATOUR, Bruno. (1994), Jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Editora 34.

_____. (2012), Reagregando o social. Salvador: EdUFBA.

MÁRQUEZ, Gabriel García. (1967) Cem anos de solidão. Rio de Janeiro: Record.

SAHLINS, Marshal. (1997), O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfixa: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). Mana, vol 3, nº 1, pp. 41-73.

SANTOS, Milton. (1977), Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB.

_____. (2006), A natureza do espaço. São Paulo: Edusp.

_____. (2011), Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos e teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: EdUSP.

_____. (2012), Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record.

SARTRE, Jean-Paul. (1962), Critique de la raison dialectique. Paris: Gallimard.

SCHIFF, Myra. (1970) Some theoretical aspects of atitudes and perception. Natural Hazard Research, nº15.

TUAN, Y-fu. (1983), Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL.

_____. (2011) Topofilia: um estudo da percepção. Lodrina: EdUEL.

VANDENBERGHE, Frédéric. (2006), Construção e crítica na nova sociologia francesa. In: Sociedade e Estado, Brasília, v.21, n.2, p.315-366, mai/ago.